

דוד ודוד עמדים עלינו לב
למלכת וזקנה מצילנו מיזון



ולמד מה בקש לבן הארמי
לעשות ליעקב אבינו ש
שפר עז לאנור אא ער
הזכרים לבן בקש לעקר

ENSAIOS

MUITOS ISMOS PARA O FASCISMO: PRIMEIRAS ELABORAÇÕES SOBRE UMA TENTATIVA DE DEFINIR O FASCISMO A PARTIR DE SUA RELAÇÃO DIRETA COM A MODERNIDADE

MANY ISMS FOR FASCISM: INITIAL THOUGHTS ON AN ATTEMPT TO DEFINE FASCISM BASED ON ITS DIRECT RELATIONSHIP WITH MODERNITY

MUCHOS ISMOS PARA EL FASCISMO: PRIMERAS ELABORACIONES SOBRE UN INTENTO DE DEFINIR EL FASCISMO A PARTIR DE SU RELACIÓN DIRECTA CON LA MODERNIDAD

Luciano Gomes Brazil  

Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina,
Petrolina, PE, Brasil

Submetido em: 09/02/2025

Aceito em: 25/03/2026

Publicado em: 02/06/2026

Como citar: BRAZIL, Luciano Gomes. Muitos ismos para o fascismo: primeiras elaborações sobre uma tentativa de definir o fascismo a partir de sua relação direta com a modernidade. *(Des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. e64332, jan./jun. 2026.

DOI: [10.53981/destrocos.v7i1.64332](https://doi.org/10.53981/destrocos.v7i1.64332)



Licenciado sob a [CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Luciano Gomes Brazil é doutor pelo PPGF-UFRJ com a tese *"Nem Guerra, Nem Paz: Walter Benjamin e a elaboração de uma crítica da violência"*. É Professor Adjunto A pela UPE, campus Petrolina.

Contribuição (CRediT)

L.G.B.: Investigação; Escrita (rascunho original).

Resumo

Ensaio elaborado a partir de experiências na docência e em minicursos proferidos com o intuito de responder ao que seria o fascismo. Neste escrito, abordo a dificuldade de conceituação partindo-se da aporia estabelecida por Gilbert Allardyce em 1979, que recusou haver um "fascismo genérico". Como estratégia à dificuldade elaborada por este autor, procuro traçar a relação que há entre a modernidade e o fascismo, revelando que talvez não a definição de um fascismo genérico, mas sim nos modos de funcionamento da modernidade onde encontraremos uma fonte primária de algo que se materializa no fascismo, mas que se materializa também em outros fenômenos modernos de violência e autoritarismo. Para esta tarefa, considere a contribuição de Walter Benjamin, que concebera a modernidade como tempo histórico melancólico. Por esta via, entendo o fenômeno histórico do fascismo e outros fenômenos de violência autoritária como uma reação fanática à melancolia. Este escrito constitui a primeira parte de, ao todo, três escritos que partem de uma pesquisa acerca da conceituação do fascismo, e nele traço a dificuldade de definição de um conceito genérico de fascismo e, conseqüentemente, me utilizo da estratégia de se compreender o fenômeno do fascismo vinculado à modernidade.

Palavras-chave

Fascismo; modernidade; melancolia.

Abstract

An essay based on experiences in teaching and mini-courses given with the aim of answering what fascism is. In this paper, I address the difficulty of conceptualisation based on the aporia established by Gilbert Allardyce in 1979, who rejected the existence of a "generic fascism". As a strategy to address the difficulty raised by this author, I seek to trace the relationship between modernity and fascism, revealing that perhaps it is not the definition of a generic fascism, but rather the modes of functioning of modernity, where we will find a primary source of something that materialises in fascism, but also in other modern phenomena of violence and authoritarianism. For this task, I considered the contribution of Walter Benjamin, who conceived of modernity as melancholic historical time. In this way, I understand the historical phenomenon of fascism and other phenomena of authoritarian violence as a fanatical reaction to melancholy. This essay is the first of a total of three essays based on research into the conceptualisation of fascism; in it, I outline the difficulty of defining a generic concept of fascism and, consequently, adopt the approach of understanding the phenomenon of fascism in relation to modernity.

Keywords

Fascism; modernity; melancholy.

Resumen

Ensayo elaborado a partir de experiencias en la docencia y en minicursos impartidos con el objetivo de responder a la pregunta de qué es el fascismo. En este escrito, abordo la dificultad de conceptualización partiendo de la aporía establecida por Gilbert Allardyce en 1979, quien rechazó la existencia de un «fascismo genérico». Como estrategia ante la dificultad planteada por este autor, trato de trazar la relación que existe entre la modernidad y el fascismo, revelando que tal vez no sea la definición de un fascismo genérico, sino los modos de funcionamiento de la modernidad donde encontraremos una fuente primaria de algo que se materializa en el fascismo, pero también en otros fenómenos modernos de violencia y autoritarismo. Para esta tarea, he tenido en cuenta la contribución de Walter Benjamín, que concibió la modernidad como un tiempo histórico melancólico. De este modo, entiendo el fenómeno histórico del fascismo y otros fenómenos de violencia autoritaria como una reacción fanática a la melancolía. Este escrito constituye la primera parte de un conjunto de tres trabajos que parten de una investigación sobre la conceptualización del fascismo; en él expongo la dificultad de definir un concepto genérico de fascismo y, en consecuencia, recurro a la estrategia de abordar el fenómeno del fascismo vinculándolo a la modernidad.

Palabras clave

Fascismo; modernidad; melancolía.

*O que a gente talvez mais tema é que as duas faces não possam
mais existir uma sem a outra, como verso e reverso de uma
moeda*
Zygmunt Bauman

Para Renata Azzi, in memoriam.

Introdução

Este escrito, primeiramente apresentado em forma de minicurso e que agora apresento na forma de ensaio, tem como objetivo principal fornecer as aporias para a definição de um "fascismo genérico", oferecendo, em contrapartida, uma relação direta entre fascismo e modernidade, com a finalidade de compreensão e entendimento do fenômeno enquanto um fenômeno característico da modernidade. A hipótese central que trago para o texto é a de que, sendo a modernidade um tempo histórico melancólico, como assevera Walter Benjamin, podemos começar a entender o fenômeno do fascismo como uma reação a tal melancolia. O mais relevante desta hipótese é que ela se afasta das teses que partem de uma concepção de fascismo antitética à civilização, como um período obscuro na ilustrada história europeia.

As preocupações concernentes à definição do fascismo, desenvolvidas por mim neste texto, certamente começaram a nascer no ano de 2018. No entanto, elas não tiveram seu começo primeiramente em um trabalho de pesquisa, afastado da vida cotidiana. Elas tiveram seu início quando eu lecionava em um instituto no interior de Goiás e dois alunos – dentre tantos outros – insistiram repetidas vezes para que eu declarasse para toda a turma qual seria o meu voto na vigente eleição. Passei, possivelmente, algumas semanas recusando esta insistência, até que em algum momento eu concordei em que faria a minha declaração para toda a turma, sacrificando a aula para ter essa conversa. Assim, a "declaração" de voto foi transformada em uma espécie de conversa com toda a turma. No dia marcado, ambos os alunos, que se diziam militares, cobriram a minha mesa com uma bandeira do Brasil, mas eu pedi a eles que retirassem a bandeira para eu poder usar a mesa. Havia tensão no ar, mas não havia propriamente uma hostilidade, até pelo contrário, aqueles dois alunos pareciam de algum modo sentir alguma simpatia por mim, e eu tentava usar aquilo a meu favor.

Durante minha fala, eles me interromperam em algum momento perguntando quando eu iria chamar o então candidato, que sairia vencedor daquela eleição, de *fascista*. Minha resposta foi: *fascismo* é isto: bandeira, nacionalismo. A consequência desta minha resposta foi inesperada, pois eles pararam de me desafiar, talvez tenham ficado na defensiva ou na dúvida. Ao pensar sobre este acontecido, sei que parte desta reação tem a ver com o desvio de foco, do candidato para o comportamento das pessoas, especificamente o deles, na medida em que eu abri mão de acusar o candidato favorito deles e utilizei o termo abstrato fascismo relacionando-o com elementos que estavam ao nosso redor. Eu abria mão de uma acusação para focar no contexto e na conjuntura, nos objetos, nos símbolos. Em vez de uma reação afetiva, mecânica, eles tiveram outra reação e se calaram. Tudo isto foi inesperado para mim.

Pensando sobre o deslocamento do tema acusatório (o fascista) para a conjuntura (o fascismo), noto que, em um primeiro momento, estrategicamente, ainda que sem a explícita intenção, este deslocamento efetivou algo que pudesse variar da simples reação de pessoas que já estavam na defensiva.

Mas com o tempo, este deslocamento pôde se mostrar um pouco mais do que simplesmente uma estratégia de debate público, mostrando que, talvez, em termos de entendimento, a pergunta pelo fascismo (substantivo) e não a acusação ao "sujeito fascista" (adjetivo) tivesse reais implicações que se relacionam diretamente com elaborações intelectuais de historiadores e filósofos. O que farei a seguir segue esta toada. Calhava, naquele momento, eu estar no primeiro ano de meu doutorado pelo PPGF/UFRJ, cujo projeto de pesquisa tinha como principal autor o filósofo berlinense Walter Benjamin. A pesquisa não versava sobre fascismo, mas, em se tratando deste autor, direta ou indiretamente, isto entra em questão. No início do ano de 2025, oito anos depois, decido então organizar um minicurso para um evento acadêmico com o tema que surgiu ali em 2018. Ele é fruto de uma crise do conceito, tal como é tão característico entre filósofos. Sua pergunta: *mas então, o que é o fascismo?* Evidentemente, naquele momento, e já com o acontecido de 2018 em vista, eu desviei a questão do *fascista* para o *fascismo*, que, como disse acima, me parece trazer enormes vantagens para qualquer elaboração conceitual. Para acusar alguém de fascista é preciso saber do que se trata por fascismo. É usual que as pessoas se acusem, e, na atual conjuntura, é um recurso bastante recorrente, pois o peso da acusação traz consequências imediatas.

Ao montar o minicurso apresentado em abril, notei que este debate focado na crise do conceito tem uma história mais recente, que em vez de remontar a cem anos atrás, remonta a quase cinquenta, e que me foi bastante útil para construir os dois minicursos apresentados (em abril e em outubro) e finalmente este escrito. Tentarei aqui, de maneira um pouco simplificada, refazer os passos gerais do que surgiu neste processo de produção. Ele implica em reconhecer, ou não, a ideia de um fascismo genérico. A minha proposta é, em vez de buscar definir o que seria um fascismo genérico, *desviar* a atenção para o problema da modernidade. Como resultado, poder-se-ia falar de fascismos para além do fascismo histórico de Mussolini, denotando a possibilidade de se conceber algo como um fascismo "genérico". No entanto, com o enfoque na modernidade que faço aqui, estes "fascismos genéricos" se deixariam confundir com outros fenômenos reacionários e autoritários, pois desprovidos de uma ideologia ou de um programa. É uma proposta que diz respeito a ter menos atenção ao rigor conceitual acerca do fascismo e uma atenção maior à modernidade.

1. Fascismo e fascismos

Em 1979, o historiador estadunidense Gilbert Allardyce, falecido em maio de 2025, publica um artigo intitulado *What Fascism Is Not: Thoughts on the Deflation of a Concept* (*O que o fascismo não é: pensamentos sobre a deflação de um conceito*, em tradução livre). Neste artigo, Allardyce clamou por uma crise do conceito, visto que *fascismo* havia se tornado uma palavra para designar um significante sem significado, o que inviabilizava seu uso acadêmico. Para Allardyce, o termo havia se

descolado totalmente de seu sentido, tornando-se, assim, um vazio de significado. Sua proposta invariavelmente buscava delimitar o conceito de fascismo ao seu fenômeno imediatamente ligado ao termo, qual seja, o movimento liderado por Mussolini a partir da década de 1910 e, sobretudo, a partir de 1921. O que torna o conceito tão usual é que Mussolini não foi, de maneira alguma, um fenômeno isolado nem na Europa nem no resto do globo, por isso afirma Allardyce:

Após o sucesso de Mussolini, observadores pensaram ter reconhecido homens e organizações do mesmo tipo surgindo em outras nações. Desde o começo, surgiu uma imagem popular do fascismo como um movimento internacional, um fenômeno que encontrou sua expressão mais pura na Itália e na Alemanha, mas que também apareceu em um grande número de outros países.¹

Allardyce inicia seu artigo citando S.J. Woolf, que em 1968 constatou que "talvez a palavra fascismo, ao menos temporariamente, devesse ser banida de nosso vocabulário político".² Mas ele próprio afirma: a palavra fascismo veio para ficar, "apenas o seu sentido é que parece ter sido banido". Do fascismo italiano aos demais fascismos, se é que poderiam assim ser denominados, configura-se a problemática principal do artigo de Allardyce, centrada no que ele chamará de "fascismo genérico", pois para ele não há algo como um "fascismo genérico": "first of all, fascism is not a generic concept".³

A similitude e simultaneidade do fenômeno resultam em sua principal dificuldade. Sobretudo nos dois principais casos, o fascismo de Mussolini e o nazismo de Hitler. Sob qual critério se deveria definir o fenômeno do fascismo, se é que é possível defini-lo? Se o fenômeno, que se iniciou na Itália e logo se "espalhou" pelo mundo, ganhou tantos adeptos em tão pouco tempo, deve haver, do ponto de vista teórico, algo que lhe possa ser explicado, assim entende o teórico que procura definir o movimento. No entanto, a questão não se deixa reduzir tão facilmente.

Por sua vez, o jurista italiano Norberto Bobbio, em seu *Dicionário de Política*, ao descrever as dificuldades em dar um contorno científico àquilo que propriamente designa o fascismo, confere três usos principais ao termo, (1) uma que se atém ao núcleo histórico original, qual seja, o fascismo italiano, recusando-se quase sempre em aceitar o uso até mesmo para os fenômenos autoritários contemporâneos ao contexto do fascismo italiano; (2) a dimensão internacional, e aqui falamos do nazifascismo da primeira metade do século XX e, por fim, (3) a extensão do termo a todos os movimentos ou regimes que fazem uso do autoritarismo. O fascismo como fenômeno político historicamente determinado possui diversas faces e as diversas maneiras de se fazer chegar ao entendimento do fenômeno divergem nas explicações quanto ao seu surgimento, embora se reconheça de maneira geral que seu fenômeno possui intrínseca relação com a sociedade moderna e com as crises geradas pelo capitalismo no interior das sociedades. Por isso, diz Bobbio que "O Fascismo, como evento histórico concreto, engloba-se numa fenomenologia mais ampla, a do autoritarismo na sociedade moderna".⁴

¹ Allardyce, *What fascism is not*, p. 367, tradução minha.

² Woolf, *European fascism* apud Allardyce, *What fascism is not*, p. 367, tradução minha.

³ Allardyce, *What fascism is not*, p. 370, tradução minha.

⁴ Bobbio; Matteucci; Pasquino, *Dicionário de política*, p. 467, grifo meu.

As grandes questões em torno do fascismo e de sua definição remetem ao constante problema de identificar fascismos para além do fascismo historicamente determinado. Neste sentido, por um rigor talvez exagerado, alguns autores, o que inclui o próprio Allardyce, procuraram limitar tal fenômeno à Itália de Mussolini ou, em alguns casos, ao nazifascismo europeu das décadas de 1930–1940. Mas as razões para tal fazem sobressair aspectos que talvez, de fato, não possam ser ignorados. Por isso, o que faremos aqui não será colocar questões às justificativas que inerem ou separam nazismo e fascismo, ou abordam genericamente uma série de movimentos políticos da mesma época e de épocas distintas, mas sim algo diferente – a relação direta que pode ter algo como o fascismo, e outros “ismos autoritários”, com a modernidade. Sigamos.

Para trazermos uma conclusão sumária ao que foi rapidamente exposto acima, diremos que haveria, entre diversos historiadores, mais aceitação em incluir o nazismo no conceito de fascismo, se comparada a outras definições que procuram incluir as outras ditaduras europeias, como a de Franco, na Espanha, e a de Salazar, em Portugal. Nesta mesma direção, é ainda menos comum a tese que nomeia por fascismo fenômenos autoritários *fora* da Europa. Porém, estas diversas nomeações, por si, de início, pouco nada nos dizem.

Allardyce delimitava o fenômeno do fascismo à história da Europa no contexto das duas grandes guerras. Portanto, como fenômeno exclusivamente europeu, ele se distingue de outros fenômenos como o totalitarismo e o autoritarismo. Mas ocorre que esta exclusão sumária não se dá sem razão. O problema colocado por Allardyce sobre um possível fascismo genérico consta na postulação de uma ideologia fascista, algo que dificilmente se poderia afirmar, ao menos enquanto *programa* ou *projeto político*. Não há algo como uma ideologia fascista, muito menos um programa fascista ou mesmo um projeto. No solo desta postulação, vige uma tendência a procurar um protofascismo, uma gênese, em suma, um fascismo antes do fascismo, puramente manifestado em estado bruto. Em contrapartida, para lidar diretamente com fenômenos e ondas de ascensão de um tipo de violência perpetrada por grupos de extrema direita, o desafio estaria em dar conta de observar estes fenômenos a despeito desta ausência de um projeto ou de uma ideologia propriamente consistente. Este tipo de problemática está sempre presente nas tentativas de conceituação do fascismo.

Como veremos na sequência deste escrito, a aporia clamada por Allardyce é importante para conduzirmos a dificuldade da definição para outro plano de problemas, que escape da tentativa de se definir um “mínimo fascista”,⁵ uma “essência fascista”⁶ ou um Urfascismo.⁷ Tais tentativas definidoras avaliam o fascismo a partir de uma lista de elementos que compõem função, posição, origem, influências, fundamentos, condições materiais e programa. Perguntas como: o fascismo é anticapitalista ou uma estratégia do capitalismo diante da ameaça do comunismo? Qual a relação entre o líder fascista e as massas? Qual a relação do fascismo com o liberalismo? E com o conservadorismo? Qual a relação do fascismo com as antigas nobrezas feudais? E com a esquerda proletária? Existe algum tipo

⁵ Nolte, *Three faces of fascism* apud Paxton, *Anatomia do fascismo*, p. 41; Griffin, *The nature of fascism*, p. 38.

⁶ Griffin, *The nature of fascism*, p. 19; o autor que notoriamente teria buscado definir uma essência fascista teria sido Karl Polanyi, que em 1935 escreveu *A essência do fascismo: cristianismo e revolução social*.

⁷ Eco, *O fascismo eterno*.

de predisposição para o fascismo em algumas nações (o que, conseqüentemente, excluiria outras)? Qual é a relação entre nacionalismo e fascismo? Qual a relação entre o fascismo e outras ditaduras? Qual a característica de um comportamento fascista? Por fim, há uma ideia geral de fascismo da qual possamos nos utilizar para compreendermos fenômenos políticos?

Uma resposta ao texto de Allardyce vem do autor britânico Roger Griffin que definiu o fenômeno do fascismo como um "gênero de ideologia política cujo núcleo mítico, em suas várias permutações", se constitui em "uma forma palingenética de ultranacionalismo populista".⁸ Em seu livro *The nature of fascism* ele suscita o termo *fascist minimum* ("mínimo fascista"), mesmo que tentando escapar de uma leitura que designaria uma "essência fascista", permitindo aplicar seu entendimento para fenômenos além do nazifascismo ítalo-germânico. Roger Griffin, anos depois, escreveu o artigo "*What fascism is not and is. Thoughts on the re-inflation of a concept*" (*O que o fascismo é e não é: reflexões sobre a reinflação de um conceito*) em explícita resposta a Allardyce. Neste artigo, Roger Griffin inicia recolocando o problema do uso da palavra. É preciso reivindicar seu uso em vez de abandoná-lo à própria sorte. Este abandono torna o termo apropriável por aqueles que "que estão claramente mais interessados em sua força polêmica aparentemente inesgotável do que em qualquer coisa que se assemelhe a fatos históricos ou políticos".⁹ Como exemplo, Griffin alude ao termo *islamofascismo*, neologismo propagado pelo ex-presidente estadunidense George W. Bush com o intuito de realizar a "guerra ao terrorismo" no Afeganistão. Deixar o termo à própria sorte, é a conclusão de Griffin, cede espaço para seu uso instrumental e estratégico cuja significação vazia autoriza a designação arbitrária e não menos autoritária: mais ou menos como um neonazista ganhar adeptos e popularidade acusando seus inimigos de nazistas.

O capítulo que abre o curto artigo de Griffin tem como título uma pergunta: "Fascismo: um significante sem significado?". Ora, esta é uma elaboração que nos ajuda muito com o nosso propósito, embora ainda de maneira muito iniciática. Podemos, por exemplo, admitir que a modernidade é um tempo histórico em que surge a percepção da distância entre significante e significado. Podemos dizer, com isto, que o fascismo se constitui em movimentos políticos que procurem cobrir esta distância entre significante e significado através de uma supressão autoritária desta distância e conseqüente afirmação também autoritária de um significado. Por isto, a reivindicação não poderia ser simplesmente estética, mas também política, pois o fascismo seria o momento em que a violência entra em cena para suprimir o significante no significado. Porém, isto está muito longe de ser tão simples, embora eu pessoalmente me utilize desta via de explicação e considere uma maneira possível de compreender o fenômeno do fascismo.

Voltando. Há, portanto, para Griffin, um conjunto de predicados que denotam a característica fundamental do fascismo. Na mesma direção pensou Umberto Eco em texto apresentado em 1995 em uma universidade estadunidense. A vantagem da posição de Eco, que traz Wittgenstein para o texto, é que, para o entendimento sobre o tipo fascista, ele traça uma elaboração que nada tem a ver com essência ou característica fundamental: "(...) o fascismo não possuía nenhuma quintessência e nem sequer uma só essência (...) O fascismo não era uma ideologia monolítica, mas

⁸ Griffin, *The nature of fascism*, p. 27, tradução minha.

⁹ Griffin, *What fascism is not and is*, p. 260.

antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições".¹⁰ Tendo este ponto de partida, se não se deve partir de um conjunto básico de características para conceber o fascismo, temos uma outra disposição para compreendê-lo: seu traço mais característico não dispõe de nenhuma essência; um tipo fascista pode estar caracterizado a partir de "qualquer coisa". Diz Eco:

Tirem do fascismo o imperialismo e teremos Franco ou Salazar; tirem o colonialismo e teremos o fascismo balcânico. Acrescentem ao fascismo italiano um anticapitalismo radical (que nunca fascinou Mussolini) e teremos Ezra Pound. Acrescentem o culto da mitologia celta e o misticismo do Graal (completamente estranho ao fascismo oficial) e teremos um dos mais respeitados gurus fascistas, Julius Evola.¹¹

A proposta de Eco, na ausência de uma essência, seria a de indicar uma trilha a partir de onde se poderia supor haver o tipo fascista. Como uma constelação, desprovida de elementos essenciais, basta que dois ou três de um conjunto geral de elementos surjam juntos, para que tenhamos certeza de que se trata de fascismo. Então, embora pressupondo uma ausência de essência, a tentativa de Eco remonta ao conjunto fundamental de características que resultam em um tipo fascista. Nossa proposta não é seguir com este tipo de caracterização, mas, conforme já reiteramos acima, em seu lugar notar uma relação direta do fascismo com a modernidade. Para nós é muito mais vantajoso buscar entender a modernidade como um tempo histórico específico que tornou possível algo como o fascismo e outros ismos. Isto nos permite deixar a determinação em aberto, para observar o tipo de relação que há neste tempo histórico.

Parece-me que Robert Paxton viu o problema da definição e o evitou, para pensar esta questão em um escopo de problemas um pouco mais amplos, evitando conclusões essencializantes, pois "uma definição", diz ele, não consegue "descrever seu objeto de forma melhor que uma fotografia instantânea descreve uma pessoa".¹² Sua definição para o fascismo:

O fascismo tem que ser definido como uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz, com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza.

Note-se que para dar conta de sua definição, mantendo em aberto o campo relacional, Paxton precisa praticamente descrever uma conjuntura que torna possível haver o tipo fascista. É este *entre*, que inere o fascista e as condições para o seu aparecimento, que nos interessa diretamente aqui.

Então, em linhas gerais, entre as teorias definidoras do fascismo, por um lado haveria o (1) fascismo genérico, que como vimos foi recusado de antemão por Allardyce em 1979; há os estudos da (2) personalidade fascista ou autoritária, como

¹⁰ Eco, *O fascismo eterno*, p. 32.

¹¹ Eco, *O fascismo eterno*, p. 42.

¹² Paxton, *A anatomia do fascismo*, p. 378.

o estudo de Bataille de *A estrutura psicológica do fascismo* e também os estudos de Theodor Adorno *A personalidade autoritária*, que não nos detemos aqui e que remontam ainda a um período anterior a 1979; e, por fim, o estudo do (3) fascismo histórico, que busca compreender no horizonte histórico as condições que tornam ou tornaram possível algo como o fascismo. Se a primeira linha está de antemão recusada, as duas outras linhas de estudo, no entanto, parecem fornecer um conjunto de contribuições das mais diversas. No entanto, se o fascismo histórico mal se restringe a Mussolini, cabendo enormes dificuldades em derivar este fenômeno em direção a outros contemporâneos e extemporâneos, como derivá-lo conceitualmente quando se trata de observar outros fenômenos? O que determina que um fenômeno autoritário em determinado espaço-tempo possa ser caracterizado como fascismo e outro fenômeno autoritário em outro espaço-tempo não?

A nossa proposta aqui vai na direção de abdicar da necessidade de se responder a esta determinação, visto que ela não faz sentido. O que importa não é garantir o significado do fascismo e apontar os erros e falhas do uso conceitual indeterminado. Se deter nesta determinação nos soa estéril e sem sentido, algo que, como dissemos acima, Paxton de certa forma observou. Por outro lado, se desviarmos a pergunta "o que é o fascismo?" para "qual a relação entre o fascismo histórico e a modernidade?", talvez se possa entender algo da modernidade no fascismo histórico, e algo do fascismo histórico na modernidade. Neste texto farei um percurso tentando mostrar a (1) modernidade como tempo histórico melancólico e o fascismo como uma reação a esta melancolia, e pelo menos indicar que, ao menos na modernidade, (2) *quanto mais civilização mais violência*. Caso se pergunte qual fascismo histórico deve-se ter em conta para relacioná-lo com a modernidade, se somente o fascismo de Mussolini ou se o nazifascismo, ou mesmo se a ditadura de Franco, entre outras possíveis, reivindico que é a própria concepção da modernidade quem oferece tais respostas. Cumpre observar que "reagir a" não necessariamente remete a uma negação. Assim, a reação à modernidade e à modernização poderia ser a supressão autoritária dos processos pela imposição de outros. É importante aqui observar que a reação ocupa um lugar, e, a rigor, o que é da natureza da reação é a de ocupar todos os espaços: obstrução fanática da melancolia, supressão das distâncias entre significante e significado.

Se a resposta para a pergunta "o que é o fascismo?" permanece aberta, será melhor assim, posto que temos em vista o aspecto relacional do fascismo, isto é, seu caráter *reacionário*. Ainda seguindo esta mesma via, note-se que a modernidade tal como é concebida pelo iluminismo, seria um projeto civilizacional onde se faz crer que se superaram certos barbarismos, como se pela via da modernidade a violência e o autoritarismo houvessem sido derrotados. O que faço aqui é dar ênfase no desvio de foco da determinação conceitual do fascismo em direção à modernidade, mostrando com isto ao mesmo tempo o quanto de modernidade, ou pelo menos um certo tipo de modernidade que é preponderante e hegemônico, portanto, o quanto desta característica de modernidade há no fascismo e também o quanto de fascismo há na modernidade. Disto, conclui-se que há algo na modernidade e em seu "funcionamento" que revela o potencial assustador e bárbaro no interior de seu próprio funcionamento.

2. Modernidade e Modernização

As questões abordadas para a definição do fascismo são questões bastante pertinentes, porém deixam escapar uma questão primordial e que nos libera para tratar do assunto mais diretamente, qual seja: *qual a relação entre fascismo e modernidade?* Allardyce em seu artigo traz a explicação de diversos autores que procuram relacionar fascismo e teorias da modernização. Mas a questão da modernidade não necessariamente precisa ser pensada exclusivamente a partir dos processos de modernização e gostaria de me deter neste ponto como uma forma de alcançar algum tipo de conclusão sobre este assunto. Ora, a modernização como elemento atávico do fascismo para explicá-lo enquanto fenômeno também gera problemas categóricos, em particular se comparada ao nazifascismo da década de 1930.

(...) existem teorias da modernização, que vão desde uma história liberal do “progresso” material até formulações mais notáveis das ciências sociais, desenvolvidas para analisar a evolução interrelacionada e de longo prazo da sociedade, da mente e do mercado. Quando confinadas ao curto período da “era” fascista, porém, mesmo as melhores teorias evolucionistas parecem se distanciar do evento que explicam (...) Os estudiosos frequentemente reduzem o processo de modernização ao desenvolvimento urbano e industrial e o medem em termos de lingotes, aparelhos e PIB.¹³

O que esta passagem retirada do artigo de Allardyce nos dá notícia é que as teorias da modernização parecem partir de alguma concepção inadequada, e esta inadequação torna-se notória quando é o caso de encarar os regimes ditatoriais e autoritários de Mussolini e Hitler dentro do mesmo processo de expansão tecnológica, industrial, científico e espiritual. Esta dificuldade mostra um sintoma em relação ao que se pode considerar um valor positivo para a modernidade. Allardyce mostra o artifício dos acadêmicos para tentar resolver tal nó. Por exemplo, em face do intenso avanço tecnológico do regime nazista, Organski considerará que este não poderia ser fascismo, na medida em que o fascismo permaneceu uma ideologia antimodernista. Por outro lado, Alan Cassel, segundo Allardyce, teria desenvolvido uma teoria de movimento duplo, onde, naquelas regiões onde haveria atraso, o fascismo fez avançar a modernização, e naqueles onde já haveria avanço, retomou um “passado lendário”:

Sobre a base do contraste Nazi-fascista, eu postulei um esquema geral: onde o fascismo apareceu em regiões menos avançadas, houve uma tendência a olhar para o futuro, para uma modernização acelerada da comunidade (...) enquanto em nações já modernizadas, o fascismo preferiu olhar de volta para um passado lendário.¹⁴

Estas questões trazem para frente um problema que talvez tenha permanecido por longo tempo secundário quando se trata de definir o fascismo, qual seja, o lugar da modernidade e o sentido da modernidade em relação à tipologia política do fascismo – e de outros fenômenos políticos violentos. Minha hipótese principal aqui é a de que o fascismo, enquanto tipo definível, se dilui e até certo

¹³ Allardyce, *What fascism is not*, p. 372, tradução minha.

¹⁴ Cassel, *Fascism apud Allardyce, What Fascism is not*, p. 373, tradução minha.

ponto se confunde com a própria modernidade. Há, óbvio, questões muito específicas relativas ao aparecimento do fascismo, mas este seu destaque ou até mesmo sua caricatura oclui o seu pertencimento à modernidade. A noção mal colocada de processos de modernização termina por, como demonstra Allardyce, sobrepor e ocultar o problema mesmo. Há algo acerca dos processos de modernização e da modernidade que escapa da concepção dos autores, e isto é notável quando é necessário lidar com o problema “civilizacional” do fascismo. Semelhante problema poderia ser convocado à mesa destas elaborações, mas que aparentemente não parecem constranger tais pesquisas, e que mais frequentemente são objetos de estudos encontrados em pesquisas contracoloniais, como é o problema da escravidão e do tráfico de pessoas retiradas da África para outros continentes.

Semelhante conclusão chegou Zygmunt Bauman em seu estudo acerca do holocausto. Enquanto Allardyce tem em foco a dissidência com seus colegas historiadores em relação à definição do fascismo, Bauman foca sua crítica à sociologia em relação aos estudos do holocausto. Para ele, também a sociologia erra ao tentar entender o holocausto, seja como uma exceção ou erro de percurso da modernidade, seja como um caso específico acontecido aos judeus. São todos casos semelhantes em que o valor da modernidade sequer é colocado como suspeito. Talvez a motivação de tal insuspeita resida na ocultação de algumas certezas íntimas, pressupostos inabalados, que figuram no horizonte de percepções de filósofos, historiadores e sociólogos quando o assunto é a avançada sociedade moderna. Não se suspeita que este avanço seja o elemento problemático da resolução.

O indizível horror que permeia nossa memória coletiva do Holocausto (ligado de maneira nada fortuita ao premente desejo de não encarar essa memória de frente) é a corrosiva suspeita de que o Holocausto possa ter sido mais do que uma aberração, mais do que um desvio no caminho de outra forma reto do progresso, mais do que um tumor canceroso no corpo de outra forma sadio da sociedade civilizada; a suspeita, em suma, de que o Holocausto não foi uma antítese da civilização moderna e de tudo o que ela representa (ou pensamos que representa). Suspeitamos (ainda que nos recusemos a admiti-lo) que o Holocausto pode ter meramente revelado um reverso da mesma sociedade moderna cujo verso, mais familiar, tanto admiramos. E que as duas faces estão presas confortavelmente e de forma perfeita ao mesmo corpo. O que a gente talvez mais tema é que as duas faces não possam mais existir uma sem a outra, como verso e reverso de uma moeda.¹⁵

Pouco se ganha em termos de um entendimento histórico-filosófico dos fenômenos de violência e do fascismo se não pudermos questionar o valor da modernidade. Não se trata de sobrepor ao moderno e à modernidade um valor, mas o de questionarmos o valor subjacente à modernidade. Como resultado, talvez em vez de uma negação ou afirmação dos modernos processos, tenhamos em conta uma compreensão mais precisa do que está em jogo nesta modernidade – suas crises, seus avanços tecnológicos, sua expansão, mas também, quem sabe, suas reais possibilidades de interação com o múltiplo, e também de uma resolução não violenta de conflitos.

¹⁵ Bauman, *Modernidade e Holocausto*, p. 26.

Entre os autores com quem lido no meu trabalho profissional, decerto é Walter Benjamin quem traz boa parte das melhores contribuições para o propósito de entender a modernidade. Isto porque a descrição benjaminiana da modernidade parte, não de um valor, nem de um avanço (ou de um progresso), mas, sobretudo, da perda. Ela tem a ver com os processos de modernização, certamente, mas antes mesmo dos processos advirem à consciência como conteúdos, o próprio epígono, a modernidade como epígono, é por si colocado na questão benjaminiana. Isto significa, em suma, tocar no tema da melancolia.

Benjamin recusa o estatuto meramente psicológico da melancolia, para cobri-lo com um teor histórico-político. A melancolia não é assunto de indivíduo, mas de história. A época moderna é melancólica por se constituir em epígono – há imagens do passado e, por isso, há uma distância entre significante e significado. Mas a modernidade é também melancólica porque promove a aceleração do tempo, o fim da experiência e da atividade de narrar. Podemos falar de uma dupla ambiência da melancolia, pois ela é um afeto de base na modernidade pelo seu lugar de epígono, mas ao mesmo tempo também é o próprio saber da modernidade que é melancólico. Se poderia objetar que outros tempos históricos também experimentaram o passado e se constituíram como epígonos, mas na modernidade há uma conjunção de fatores que intensificam a melancolia, seja por conta do desenvolvimento tecnológico, da individualização da memória, mas também pela maneira como a partir do iluminismo se passou a conceber o rompimento com a tradição e, concomitantemente, a se conceber a história como progresso.

No desenvolvimento de minhas ideias, após organizar o primeiro minicurso, em abril, cheguei a uma conclusão provisória, a de que poderíamos definir o fascismo como uma *negação moderna da modernidade*. Era importante para mim atribuir ao fascismo o caráter de invenção, visto que, enquanto política, foram eles quem de fato inventaram algo novo no século XX.¹⁶ No entanto esta novidade parece prescindir de alguns elementos que poderiam tornar mais estáveis e, portanto, fáceis, de compreender o fenômeno de maneira genérica. O que a posição de Benjamin em relação à modernidade torna possível para compreendermos é que esta invenção tem uma característica de reação à melancolia. Assim, se há uma negação moderna da modernidade, o que há nela de negação encontra-se na novidade que se fez ver a partir do momento em que a política passou a ser estetizada pelo cinema e pelo rádio, nas décadas de 1920 e 1930. Mas se para Walter Benjamin, morto em 1940, o desenvolvimento da questão sobre um possível fascismo genérico e consequentemente de uma ideologia fascista não chegaram propriamente até ele, parte desta resposta que tomamos a partir dele tem a ver não com um conceito rigoroso de fascismo, mas sim de entendimento a respeito da modernidade e de ideologias que estão demasiadamente agarradas a ela, como é o caso da ideologia do progresso na história e de uma historiografia oficial que concebe o passado a partir de uma objetividade positivista, vertendo-se numa narrativa de “vencedores”. É evidente que as contribuições diretas deste autor sobre o assunto são importantes, mas o que trago aqui é ainda um pouco diverso do que suas teorias sobre o fascismo, pois o que trago aqui são muito mais suas teorias sobre a modernidade e a história.

¹⁶ Paxton. *A anatomia do fascismo*.

Ou seja, talvez nem precisemos daqueles textos em que o próprio Benjamin efetiva estudos sobre o fascismo para conceber uma percepção benjaminiana do próprio fascismo. Seu texto é pleno destas elaborações, mesmo antes da ascensão do nazismo e de seu subsequente exílio em Paris. Ao dar um sentido histórico-filosófico à melancolia, retirando-a do seu invólucro psicológico conferido pela psicanálise, Benjamin expõe um problema relativo à patologização da melancolia a partir de sua contrafigura de normalidade, que seria o luto. Como diz Olgária Mattos,¹⁷ Benjamin coloca problemas na percepção freudiana de luto, pois para ele este guardaria uma relação perversa com a melancolia. Veja-se, do ponto de vista histórico-filosófico, este problema relativo à perversidade do luto é prenhe de significações, pois remete a perda a uma dimensão política que poderia ter ficado oculta na leitura psicanalítica. Não seria a modernidade uma época histórica inteiramente atravessada por relações perversas de luto, desde a escravidão dos povos africanos, do extermínio dos índios, da dominação colonial?

Deste ponto de vista, o nazifascismo seria uma dentre tantas formas perversas de negação da melancolia. Sua face mais plena e acabada teriam sido os resultados do holocausto. Aqui todas aquelas dificuldades apontadas acima para determinar o que e qual a extensão do fascismo retornam. Se o nazismo se sobrepôs ideologicamente¹⁸ ao fascismo ou se ele é o seu tipo "mais bem sucedido"¹⁹ dependerá sempre do tipo de critério adotado. Em nosso entendimento, Paxton ofereceu uma contribuição importante, embora tenha sido a partir da leitura de *Anatomia do fascismo* onde notei que poderia explorar o tema da modernidade, desviando-se da necessidade de tentar descrever e definir conceitualmente o fascismo. Se a negação da melancolia é um afeto recorrente entre modernos, como ela se manifesta? Sua manifestação sempre será de maneira violenta? Ela pode ocorrer entre indivíduos ou ela sempre aparece politicamente? O que parece imediatamente observável é que há uma retórica recorrente de agregação política em torno desta negação e o próprio fenômeno do nacionalismo parece fazer acompanhar este tipo de negação. *Slogans* como *Make America great again*, *Brasil acima de todos* remetem a esta percepção.

Se entendemos que o extermínio do holocausto é a forma mais bem-sucedida desta negação da melancolia, certamente o que pode constranger a tese de liberais e conservadores acerca da modernidade é o fato de que depois do nazifascismo algo inerente ao funcionamento da modernidade foi exposto através dele. A consequência maior, no entanto, não seria a de colocar algo como o holocausto na conta da modernidade, mas mais além, derrubar a crença fácil e intensamente propagada a partir de tantos filmes hollywoodianos e *best sellers* anualmente publicados de que o nazifascismo foi derrotado em 1945.

A consequência evidente desta constatação constitui a outra parte deste trabalho, aquela que concebe a civilização moderna não como algo que aplacou a violência, mas que de maneira proporcional intensificou a violência na medida em que intensificou o que se entenderia por civilização. A elaboração desta tese parte do pressuposto de que a modernização nada mais é do que um processo de monopólio da violência, algo que, à época do fascismo histórico de Mussolini se dava

¹⁷ Matos, *O iluminismo visionário*.

¹⁸ Allardyce, *What fascism is not*.

¹⁹ Paxton, *A anatomia do fascismo*.

majoritariamente através do Estado. Mas também a tecnologia é uma forma de monopólio da violência. Os fenômenos de monopólio da violência, que são vários, fazem mostrar que ao lado do fascismo há outros fenômenos, outros *ismos*, tão problemáticos e violentos quanto o assustador fenômeno que ocorreu nas décadas de 1930-1940.

Se do fascismo histórico para um fascismo genérico precisarmos admitir a dificuldade conceitual, não teremos mais tal dificuldade se a fonte primária de nossas observações for o modo como se constituiu a modernidade tanto dentro quanto fora da Europa. E isto se estende do passado até a atualidade. O que não me parece razoável é ser demasiado fiel ao criador do termo *fascismo*, Benito Mussolini, e apenas utilizar tal denominação para a sua criatura, qual seja, o fascismo italiano. Podemos entender que outros fenômenos de violência sustentam uma relação perversa com a melancolia, constituindo-se, para utilizar o termo de Peter Heft, em *grãos de fascismo* contra os quais devemos lutar.²⁰

3. Conclusão

Este texto começou a surgir com o intuito de se pensar a *atualidade*. No entanto, ainda não chegamos através dele até ela, a atualidade. Penso que atualmente vivemos compulsivamente. Decerto esta compulsão por viver tem a ver com o consumo – mas isto deverá ser deixado para outro texto.

Se olharmos para a sociedade moderna de cem anos atrás, e se também observarmos outras sociedades que tiveram seu percurso atravessado pelo sonho moderno, encontraremos outras disposições. A edificação moderna, sua *aventura* (para utilizarmos a expressão de Marshall Berman), não pode ser concebida sem a projeção futura do novo; tudo na modernidade compele para o novo, e o que compele para o novo carrega também um rompimento com o passado e com tradições. Tal direcionamento ocorre ao menos desde o século XVI, mas com certeza a partir do século XVIII, o século da grande novidade. Por isso, para observarmos as sociedades, teremos em conta, na grande diversidade de acontecimentos oferecidos pelo mundo moderno, o conteúdo destes sonhos. Neste sentido, ser moderno significaria portar em si as possibilidades, a criação do novo, politicamente, socialmente, individualmente, economicamente. É justamente a saturação desta novidade²¹ o que constituiria a nossa atualidade, expondo uma falência na percepção de alternativas e engendrando a ascensão de discursos extremos.²²

Decorre disto que, se em um viés mais iluminista se fizer o grande elogio da aventura moderna, não se pode²³ considerar o caráter arbitrário de instauração

²⁰ Heft, *Chiasma*.

²¹ Esta “saturação do novo” aparece em um trecho logo no início de *Realismo capitalista* que cito a seguir: “O novo se define como uma resposta ao canônico e, ao mesmo tempo, o canônico tem que se reconfigurar em resposta ao novo. A exaustão do futuro nos priva do passado. A tradição não tem valor se ela não é mais contestada e modificada. Uma cultura meramente preservada não é realmente cultura” (Fisher, *Realismo Capitalista*, p. 12).

²² Fisher, *Realismo capitalista*.

²³ Mas não se pode desde que momento? Desde o surgimento do próprio fascismo? Desde a Primeira Guerra? Desde o extermínio Armênio? Desde a escravidão dos negros? Quando o terror começou? E se em vez de olharmos estes grandes movimentos de genocídio, guerra e destruição, olharmos para os momentos cotidianos, os detalhes, as minúcias, não encontraremos também o terror? E quando não houver o terror e sim a maravilha do consumo, sua condição de aparecimento não estará condicionada pelo terror?

alguma coisa que por si seria um valor positivo e almejado, ao menos não como ele se deu neste processo de modernização.

A minha pergunta aqui é a seguinte: se o fascismo, coroado no tardio século XX, não pode ser pensado *sem* a modernidade (e nem dos processos de modernização, o que de certa forma agrava o problema), será que se pode pensar a modernidade sem o fascismo, ou, para sermos mais justos com as limitações definidoras que revisitamos aqui, com os fascismos em geral e os autoritarismos tão circunstanciais quanto sua inerência no mundo moderno?

Referências

- ALLARDYCE, Gilbert. What fascism is not: thoughts on the deflation of a concept. *The American Historical Review*, Chicago, v. 84, n. 2, pp. 367-388, 1979. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1855138>. Acesso em: 31 out. 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BENJAMIN, Walter. Arquivo N [Teoria do conhecimento, teoria do progresso]. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Edição alemã de Rolf Tiedemann. Organização da edição brasileira de Willi Bolle. Colaboração de Olgária Matos. Trad. Irene Aron e Cleonice Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2018. v. 2, pp. 759-807.
- BENJAMIN, Walter. O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. pp. 21-35.
- BENJAMIN, Walter. Para a crítica da violência. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2013. p. 121-156.
- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. pp. 103-149.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*: edição crítica. Org. e trad. Alberto Müller e Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. pp. 222-232.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Trad. Carmen C. Varriale et al. Coordenação da tradução de João Ferreira. Brasília: UnB, 1998. v. 1.
- ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2025.
- FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*. Trad. Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- GRIFFIN, Roger. *The nature of fascism*. New York: Routledge, 1993.
- GRIFFIN, Roger. What fascism is not and is: thoughts on the re-inflation of a concept. *Fascism*, Leiden, v. 2, n. 2, p. 259-261, 2013. DOI: 10.1163/22116257-00202008.
- HEFT, Peter. Introduction. *Chiasma: A Site for Thought*, London (Ontario), v. 9, n. 1, pp. 1-13, 2025. DOI: 10.5206/ch.2025.1.22306.
- HUI, Yuk. On the recurrence of neoreactionaries. *e-flux Journal*, New York, n. 149, 2025. Disponível em: <https://images-eflux.b-cdn.net/assets/c122e322-2ca0-45c5-a0f6-35008745f336>. Acesso em: 16 nov. 2025.
- KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LAGES, Susana Kampff. *Tradução e melancolia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATOS, Olgária. *O iluminismo visionário: Benjamin leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.